



A MODA ENQUANTO TECNOLOGIA DE GÊNERO: REPRESENTAÇÕES E NARRATIVAS NA MODERNIDADE BRASILEIRA

*Fashion as Technology of Gender: Representations and Narratives in Brazilian
Modernity*

Albuquerque, Patrícia; Mestranda; Pontifícia Universidade de Católica de São Paulo,
patriciaa@gmail.com¹

Almeida, Ana Julia Melo; Doutoranda; Universidade de São Paulo,
ajuliamelo@usp.br²

Resumo: Este artigo tem como intuito compreender como as relações sociais se constituíram na modernidade, analisando a moda e as narrativas em torno da produção das diferenças entre os gêneros. Situamos a moda em uma perspectiva histórica, com foco nas publicações da revista Fon-Fon (1907-1914). Por fim, analisamos de que modo certos conceitos associados à feminilidade e masculinidade são concebidos e circulados nesse contexto.

Palavras chave: Moda; tecnologia de gênero; modernidade.

Abstract: This article aims to understand how social relations were constituted in the modernity, analyzing fashion and narratives around the production of the differences between genders. Fashion is situated here in a historical perspective, focusing on the publications of Fon-Fon magazine (1907-1914). Finally, we analyze how certain concepts associated with femininity and masculinity are conceived and circulated in this context.

Keywords: Fashion; technology of gender; modernity.

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com apoio da CAPES. Na sua pesquisa de mestrado, analisa narrativas em ambientes digitais que discutem as relações de gênero na contemporaneidade. Atualmente, é professora substituta do curso de Design-Moda da UFC.

² Doutoranda pelo programa de pós-graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), com apoio da FAPESP. Desde a graduação, investiga a relação entre mulheres, trabalho e artefatos têxteis. Sua pesquisa atual concentra-se nos seguintes temas: história das mulheres, história do gênero, design e gênero.



Introdução

O objetivo central deste artigo é compreender como as relações sociais se constituíram na modernidade, imbuindo as roupas de narrativas em torno da produção das diferenças percebidas entre os gêneros. Nessa perspectiva, nos interessa refletir sobre como a dimensão política das diferenças entre mulheres e homens se configura por meio dos objetos, em específico do vestuário.

Para isso, analisaremos como objeto empírico as publicações da revista *Fon-Fon*, que circulou entre os anos de 1907 e 1958. A revista, considerada uma das principais e mais duradouras no seu estilo, passou por inúmeras fases, as quais são divididas por algumas autoras (NAHES, 2007; MACENA, 2009)³ em três períodos distintos de análise: de 1907 a 1914, de 1914 a 1922 e de 1922 a 1958⁴. Aqui, nos interessa investigar o primeiro período, correspondente a sua consolidação, com o intuito de identificar como os ideais modernistas começavam a ser difundidos nesse início de século como proposta para a população brasileira e, sobretudo como nessa nova organização da sociedade foram sendo concebidas noções acerca dos papéis sociais associados às mulheres e aos homens.

Como forma de delinear a estrutura do artigo, iniciaremos com um breve percurso histórico, pontuando como se consolidaram as concepções de feminilidade e masculinidade em termos de estrutura social na modernidade. Em seguida, abordaremos o contexto brasileiro, compreendendo a moda como um vetor dessa modernidade. Para assim, analisarmos as publicações da revista *Fon-Fon* por meio de imagens e textos.

Antes de iniciarmos o percurso histórico, faremos duas considerações preliminares que serão aprofundadas ao longo do artigo. A primeira delas é a abordagem da moda enquanto tecnologia de gênero, essa ideia tem como ponto de partida o pensamento de

³ Nahes (2007) e Macena (2009) delinham suas pesquisas sobre a revista *Fon-Fon* por meio de três fases distintas: 1907-1914, 1914-1922 e 1922-1958. As autoras justificam esses períodos por conta da geração de intelectuais que fizeram parte do corpo editorial das publicações da revista.

⁴ Para os autores Prado e Braga (2011), é a partir de 1930 que o periódico passa a ser considerado como uma das principais publicações com conteúdo direcionado às mulheres.



Teresa de Lauretis (1994). Para a autora, os indivíduos são, ao mesmo tempo, produto e processo de diferentes mecanismos sociais, constantemente constituídos por um conjunto de representações e práticas discursivas presentes tanto nas instituições formais⁵, quanto nas atividades e relações do cotidiano. Tais artifícios elaboram e reiteram significados a respeito dos gêneros, de acordo com cada cultura e período histórico, tecendo valores e hierarquias sociais entrelaçados a fatores políticos e econômicos.

Já a segunda consideração se refere ao conceito abordado pela historiadora Joan Scott – gênero como categoria de análise histórica – utilizado neste trabalho como aporte teórico e metodológico. Scott (1986 e 2010) teoriza o gênero e o conceitua não apenas por meio das relações entre os sexos, mas, sobretudo, em suas múltiplas formas em que as diferenças entre os sexos se formam e se configuram. Dessa maneira, a dimensão de gênero é posta pela autora como uma chave de leitura para compreensão das relações assimétricas de poder em nossa sociedade.

Portanto, por meio desses dois conceitos centrais – *tecnologia de gênero* e *gênero como categoria de análise histórica* – apresentaremos o argumento de que a moda opera produzindo não apenas artefatos, mas também discursos, corpos e subjetividades. Para nós, há um movimento duplo de ação por meio da moda, pois, ao mesmo tempo em que ela reflete as relações de gênero, também as constrói na sociedade, em uma interação contínua com seu contexto.

1. Percurso histórico e tecido social : moda e modernidade no Brasil

No Brasil, os primeiros sopros de modernidade são comumente identificados com a transição da segunda metade do século XIX para as primeiras décadas do século XX. Esse período é escolhido pela historiadora Vânia Carneiro de Carvalho (2008) para entender como as relações de gênero se configuram na organização material das casas paulistanas nas décadas de transição entre os séculos. Ela constrói esse panorama por

⁵ Aqui a autora refere-se às instituições jurídicas, religiosas e econômicas, assim como o sistema educacional, a ciência, a medicina e a família.





meio de uma análise histórica dos artefatos, apresentando-os em sua dimensão política, econômica e social. Nesse contexto de alterações do tecido urbano e de condução a uma ideia de modernidade, a moradia e os objetos ali presentes são observados pela autora como um espaço de “demarcação nitidamente sexualizada” (2008, p. 23). Para ela (id., p. 25), há um relacionamento simbiótico entre os artefatos domésticos e a formação de identidades sociais baseadas na diferença entre os gêneros, ou seja, há uma relação entre espaços, objetos e representações de gênero.

Essa articulação não se daria de forma estanque. Pelo contrário, ao operacionalizar a própria vida em sociedade, o mundo material ofereceria ao historiador uma situação de excepcional visibilidade do fenômeno de realização sexuada da cultura. Em outras palavras, a cultura material, na qual consideramos também o corpo, seria a dimensão indissociável de ações, sentidos e valores. (CARVALHO, 2008, p. 25)

Nessa perspectiva, outra pesquisa fundamental para compreendermos como os valores estéticos estão interligados às condições sociais do século XIX é a de Gilda de Mello e Souza⁶ (1987). A teórica evidencia a ligação entre moda, divisão de classes e divisão sexual da sociedade por meio do antagonismo presente nas vestimentas femininas e masculinas daquele período. Segundo Souza (id., p. 59-60), o século XIX é um divisor de águas para a história do traje, pois acentuou o antagonismo em relação às formas adotadas por mulheres e homens nas vestimentas.

É claro que essa mudança de concepção do feminino e do masculino não só afetou toda a estrutura social, a divisão do trabalho, como se refletiu nos costumes, na moral, na vestimenta. (...) Em certas sociedades de passado patriarcal, como por exemplo a brasileira, estamos a cada passo, nas relações sociais, presenciando a reminiscência dessa época de isolamento da mulher, que se manifesta nas atitudes tolhidas, na falta de naturalidade no trato dos homens e principalmente no hábito, arraigado em certos ambientes mais tradicionais, de se estabelecerem como por encanto, nas reuniões, dois círculos de cadeiras - o lado dos homens e o lado das mulheres. (SOUZA, 1987, p. 57-58)

⁶ Gilda de Mello e Souza (1909-2005) é pioneira nos estudos sobre estética e moda no Brasil. Sua pesquisa de doutorado ficou por muito tempo desconhecida e só foi publicada em formato de livro trinta e sete anos depois de ser defendida no departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.





O antagonismo apontado por Souza (id.) está presente na estrutura da organização social da modernidade. Nesse período, a visão una da sociedade, em que homens e mulheres são considerados como duas faces de uma mesma humanidade, é substituída por uma visão dupla por meio de termos opostos. Podemos observar, portanto, uma elaboração de representações do feminino e do masculino como categorias que são, ao mesmo tempo, complementares e excludentes. Esse pensamento é compartilhado por Teresa de Lauretis (1994), quando elabora o conceito de *tecnologia de gênero*. Para Lauretis (id., p. 211), há um sistema de gênero dentro de cada cultura, que produz concepções em torno do masculino e do feminino: “um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais”. Dessa maneira, o sistema sexo-gênero atrela-se intimamente aos fatores políticos e econômicos de cada sociedade, fazendo parte de sua organização social.

Na sociedade brasileira, esse sistema simbólico e de significações é percebido quando o autor Gilberto Freyre (2009) conceitua os termos modos e modas. Freyre considera que ambos tendem a confluir e estão a serviço do ser humano, mas que possuem elementos que fazem do primeiro mais próximo de uma expressão de masculinidade e do segundo, expressão maior de feminilidade. Em sua perspectiva, modo seria um conjunto de maneiras de se portar socialmente e moda como uma forma de se representar por meio de elementos estéticos que variam no decorrer do tempo.

Assim, *moda*, como uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultante de determinado gosto, ideia, capricho, ou das influências do meio. Uso passageiro que regula a forma de vestir, calçar, pentear etc. Arte e técnica de vestuário. Maneira, feição, modo. Vontade, fantasia, capricho. Ária, cantiga, modinha. Canção típica de folclore. Fenômeno social ou cultural, mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter, por algum tempo, determinada posição social. *Modo*, como maneira, feição ou forma particular; jeito; sistema, prática, método; estado, situação, disposição; meio, maneira, via; educação, comedimento, prudência; jeito, habilidade; arte, significa quase um inteiro processo de aculturação. (FREYRE, 1987-2009, p. 28)





Ao observarmos as palavras associadas aos termos moda e modo na elaboração de Freyre, percebemos conteúdos de significações e valorações que se relacionam ao sistema sexo-gênero, retomando aqui o conceito de Lauretis (1994). Para nós, esse percurso de entender de que forma a moda foi conceituada na modernidade é fundamental para a compreensão dos papéis femininos e masculinos mobilizados em termos de representações, discursos e narrativas.

A própria definição de moda também é algo construído no tecido social. Percebemos que há diferentes maneiras, ao longo dos anos, de se entender e posicionar a moda na sociedade. Cristiane Mesquita (2004) apresenta uma distinção interessante para pensarmos acerca da moda e suas concepções. Para a autora, Moda com "M" maiúsculo refere-se à engrenagem do complexo sistema de produção, difusão e circulação dos produtos, imagens, corpos e subjetividades que a permeiam. Já a moda, com "m" minúsculo, está associada "aos fenômenos de moda isolados, como, por exemplo, 'isto que está na moda', ou a 'moda jovem'" (MESQUITA, 2004, p. 13). A nós, interessa identificar tanto a complexidade da primeira, na elaboração desse setor, no Brasil do final do século XIX e início do século XX; como a segunda, observando por meio da Revista Fon-Fon, os novos modos e estilos de vida no contexto da inserção dos valores entendidos como modernos no país.

Neste artigo, nosso intuito é pensar a moda como parte da estrutura da modernidade e um de seus vetores. Há um conjunto de construções engendrado pela moda que abarca as narrativas históricas, o seu próprio fazer (produção e consumo de moda) e a produção de conhecimento em torno da moda. Para nós, ela seria tanto a engrenagem do sistema, quanto os modos e as modas presentes na vida cotidiana. Essas esferas atuam de forma relacional e em diálogo constante, sendo produto e processo, inclusive da modernidade.

Esses aspectos nos reaproximam da conceituação de Lauretis (1994) a respeito do controle do campo do significado social que a moda, como tecnologia de gênero, conduz, produzindo, promovendo e implantando representações baseadas na diferença



entre os sexos. Por mais que em sua obra a autora não estivesse se referindo propriamente à moda, mas ao cinema enquanto tecnologia de gênero, percebemos que essa definição pode ser assimilada e acionada quando pensamos a moda.

Nessa perspectiva, moda produz não apenas artefatos, mas também narrativas, discursos, representações, corpos e subjetividades. Para nós, há um movimento duplo de ação por meio da moda, pois, ao mesmo tempo em que ela reflete as relações de gênero, também as constrói na sociedade, em uma interação contínua com seu contexto. Portanto, nessa análise terá como objetivo perceber como conceitos, imagens e representações em torno das feminilidades e masculinidades estão enredadas com os aspectos da modernidade. De que forma certos critérios são inventados e impostos à sociedade, atribuindo não apenas funções distintas às mulheres e aos homens, como também hierarquias de valor, códigos de conduta específicos, com diferentes modos de apresentação e circulação na esfera pública.

2. Revista Fon-Fon (1907-1914): representações e narrativas de gênero

O título da revista parece sugerir aquilo a que se propõe: discutir temas associados a um contexto de constituição das noções de modernidade no país. O ano de 1907, data da sua primeira publicação, é marcado pelas inventividades advindas de um cenário pós Revolução Industrial. No Brasil, fala-se da construção das primeiras ferrovias e, com isso, da mobilidade não apenas de matérias-primas ou mesmo de mercadorias, mas de corpos e subjetividades que passavam a transitar - com maior facilidade e frequência - pelo espaço público em formação. O movimento é característica central nesse período histórico denominado por alguns autores como *Belle Époque Tropical* (NEEDELL, 1993), que tem início no final do século XIX e início do século XX, antecedendo a I Guerra Mundial.

Financiada por Jorge Schmidt, a revista teve como sede a cidade do Rio de Janeiro, capital federal do país, até então, e foi organizada por um grupo de escritores modernistas, como: Mário Pederneiras, Gonzaga Duque, Lima Campos, Olegário





Mariano, Ronald de Carvalho e Álvaro Moreyra. Já desde o seu primeiro exemplar, trouxe como proposta a ideia da velocidade dos tempos modernos, com as transformações ininterruptas que o novo século parecia prometer, estampando na capa e no logotipo a urgência dessas movimentações. É o que propõe Macena (2009), quando afirma que a revista se apresentava na chave da agilidade, de acordo com os acontecimentos do país e do mundo, buscando as últimas novidades que a todo momento surgiam como possibilidade de progresso.

Figura 1: logotipo da Revista Fon-Fon



Fonte: Revista Fon-Fon 1914, edição de maio, volume 18.

Para Lins (2008), a ironia e a irreverência, como signos do moderno, estavam presentes no semanário, que se auto-intitulava como *alegre, político, crítico e esfuziante*, o que permite classificá-lo como modernista. Para a autora, nele ocorria uma espécie de aliança entre os escritores de literatura, acostumados a escrever ficções e "o mundanismo e a fotografia das obras de modernização da cidade" (LINS, 2008, p.61). Como reflexo disso, seu conteúdo foi permeado por textos e imagens que ora discutiam sobre obras importantes para o país, como a construção da Avenida Central, no Rio de Janeiro, em 1922; ora apresentavam crônicas ou reflexões sobre um determinado tema. Ainda segundo Lins (2008), tais narrativas foram fundamentais para arregimentar, junto à sociedade brasileira, a concepção acerca do Estado-nação moderno, que no Brasil foi fundado com a Proclamação da República, em 1889.

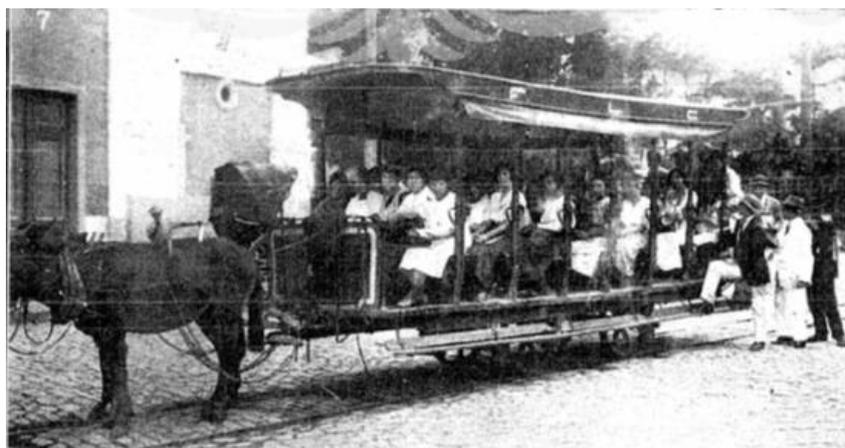
Dessa forma, a revista se inseriu como um importante veículo de produção e divulgação de notícias acerca do processo de modernização no país. Nesse aspecto,





invenções como o primeiro transporte do tipo ônibus (1817) e o primeiro bonde elétrico (1892)⁷, que passavam a despontar nas cidades, ao lado dos vários atores que constituíam essa nova configuração urbana, foram constantemente retratados no periódico.

Figura 2: Fotografia do bonde das normalistas em Campos, registrada nos instantâneos da Fon-Fon.



Fonte: Revista Fon-Fon, ano de 1914, volume 18.

O que a imagem sugere é que não se tratavam apenas das novas mobilidades, mas, de "um deslocamento que incluía paisagens, personagens e, sobretudo, temporalidades distintas", como pontuou Velloso (2008, p. 12). Ao mesmo tempo em que predominavam aspectos modernos, com "o cenário parisiense que iluminava esse percurso reluzindo como meta a ser alcançada, o tradicional também assegurava o seu lugar" (id., p. 12), aqui representado pelo aspecto rudimentar de um veículo ainda muito semelhante às carruagens do século XVI, nos ambientes rurais. Um outro aspecto que pode ser observado, com esse meio de transporte compartilhado, são corpos femininos e masculinos dividindo o espaço público, em uma franca relação com a modernização das cidades, embora a imagem também possa revelar uma certa organização dos vagões norteada pelo gênero.

Embora tais ares de urbanidade pudessem, à primeira vista, oferecer algo de positivo às mulheres, em termos de uma maior atividade e circulação, Susan Besse

⁷ Os dados foram extraídos de pesquisa realizada por Elisângela da Costa (2006).



(2009) e Margareth Rago (1998) entendem que este convite ao moderno não significou, necessariamente, uma mudança estrutural na malha social⁸. Muito pelo contrário, suas participações na vida pública muitas vezes ocorriam sob "um alto preço: o de salários menores para trabalhos mais desqualificados; o da aceitação das imposições morais a partir das necessidades masculinas; o da conformação pessoal e sexual ao desejo dos homens" (RAGO, 1998, p. 422-424). No entanto, Rago (id.) também compreende que tal ingresso na modernidade possibilitou que certos debates, específicos das demandas das mulheres, pudessem ser trazidos à luz, em uma negociação permanente entre os sexos e classes⁹, algo que viria a ter continuidade até os dias de hoje.

Na edição de maio de 1914, no volume 18, a revista apresentou o resultado de uma enquete realizada com seus leitores na publicação anterior. As questões foram elaboradas acerca de três temas: 1) lugar onde desejaria viver; 2) passatempo preferido e 3) as maiores dores e alegrias de suas vidas. As três melhores respostas foram divulgadas na revista com o argumento de que estas seriam as mais interessantes, do ponto de vista lírico. Além disso, havia também uma suspeita de que as duas primeiras teriam sido escritas por mulheres: "Pena é que não estejam *assignadas* com o nome extenso... Pela letra e o resto as duas primeiras são femininas" (FON-FON, 1914a). Ao analisarmos as narrativas, para compreender como o corpo editorial pôde chegar a tal conclusão, identificamos algumas respostas: "1) Eu desejaria viver no Japão, em todo *elle*, e fazer da minha vida, essa *cousa exquisita e bella* que é a arte dos nipões; 2) O meu *passatempo* favorito é pintar cegonhas; 3) A minha maior emoção de felicidade: quando embarquei no *Principessa Mafalda*, rumo da Europa; a minha maior emoção de *dôr*: quando embarquei no *Cap Original*, rumo ao Brasil" (id.), afirmou o/a leitor/a que assinou como "S.R". Já a segunda resposta selecionada, de autoria de L.U.F, mencionou como um motivo de felicidade a sua estréia no baile dos Diários, "com o mais lindo

⁸ Sobre esse aspecto, observamos também a importante pesquisa de Maria Claudia Bonadio (2007) acerca da sociabilidade das mulheres de classe média na cidade de São Paulo de 1920.

⁹ A autora menciona nomes como a escritora Patrícia Galvão (Pagu) e Maria Lacerda de Moura como exemplos relevantes dessa batalha por direitos iguais.





vestido da sala. Era azul e branco, cheio de rendas. Parecia uma manhã de Primavera" (id.). Por fim, a resposta assinada por A.P., diz que seu melhor *hobby* é desejar, enquanto que o motivo de sua felicidade foi ter sido apresentado à *ella*, a mulher com quem viria se casar.

Nos casos dos interlocutores L.U.F e A.P., conseguimos facilmente identificar as suas identidades de gênero, por meio dos códigos explícitos e implícitos presentes no texto. No primeiro, é a indumentária utilizada no baile, o mais belo vestido, que a denuncia. Já no segundo, é o artigo que realiza a função de marcá-lo como masculino. Com isso, nos questionamos o que estaria associado ao gênero feminino, no caso do primeiro exemplo, de autoria de "S.R"? Seria a predileção pela beleza e pelas artes? Ou a vontade de viver fora do país, em terras longínquas, como a Europa ou o Japão? Será que estes são subsídios suficientes para delimitá-las como uma escrita feminina? O semanário entende que sim, a julgar pela letra e pelo "resto". Para nós, tal exemplo suscita alguns questionamentos, como: 1) o que poderia definir uma "escrita feminina", ou, até mesmo, uma letra feminina? 2) Para a época, o apreço pela arte ou mesmo pela beleza são de interesse exclusivamente das mulheres? 3) Em um contexto no qual o país vivenciava um padrão de modernidade europeu, como visto anteriormente, seria possível relacionar o desejo por viver nessas terras como algo associado somente às feminilidades? Logo abaixo da enquete, a publicação traz uma epígrafe do escritor francês Jean Lorrain: "As mulheres, esses delicados *bibelots* de carne e de *amôr* de que, infelizmente, os *annos* depreciam o valor". Com esses trechos, tece-se uma narrativa que parece sugerir haver algo inato, ou mesmo *natural*, que atribui às mulheres e aos homens condições distintas, cujo quadro de referências é valorativo.

Em ilustração presente no volume 21, do mês de maio, do ano de 1914 (Figura 3), intitulada como "Os Requentados", um casal estabelece um diálogo. Pela imagem, podemos visualizar que há uma disposição distinta para esses corpos. A mulher está sentada no sofá, em primeiro plano, de modo aparentemente confortável: inclinada entre almofadas e estofados, ao lado de obras artísticas e de um animal de estimação. Utiliza



um vestido leve, drapeado e ajustado à cintura, cabelos curtos *à la garçonne* e olhos vivos acentuados pela maquiagem. O homem se posiciona logo atrás, vestindo um traje social, apoiado no encosto do artefato, enquanto parece observá-la com certa admiração.

Figura 3: Revista Fon-Fon.



Fonte: Revista Fon-Fon, maio de 1914, volume 21.

No entanto, o conteúdo da conversa nos revela um movimento contraditório: ao indagá-la sobre a obra do escritor russo Máximo Gorki (1868-1936), ela o responde associando-o à música, em nítida confusão. Há também algo intrigante na escolha do título para a ilustração. Segundo o dicionário Koogan/Houaiss (2000, p. 1373), *requintado* é um adjetivo cujo significado aponta para "aprimorado, delicado, apurado". Já *requinte*, substantivo masculino, é "uma ação ou efeito de requintar", uma espécie de exagero de perfeição ou mesmo de apuro extremo. O verbo transitivo *requintar* assume o sentido de levar ao auge, dar ou chegar ao máximo da perfeição.

Quando a revista opta por colocar o título no plural, sugere que tais qualidades estariam vinculadas a ambos os gêneros, sem distinções. Contudo, ao observarmos os elementos que compõem a narrativa - visuais e verbais - percebemos um certo deslocamento de sentido. Embora o enquadramento dê ênfase ao corpo feminino, representando $\frac{3}{4}$ da imagem, o modo como tais atores se organizam na narrativa aponta



para uma cisão entre esses dois universos. À frente, estão: um corpo reconhecido socialmente como feminino, ladeado por uma escultura de arte, flores e um pequeno animal de estimação. Ao fundo, um homem de pé observa com algum distanciamento, como quem não pertence ao mesmo ambiente. É como se a imagem procurasse retratar as esferas pública e privada, com os critérios modernos associados à primeira e o conforto e discrição da última.

A autora Susan Besse (2009) identifica que há uma ambiguidade na expectativa social para as mulheres daquele período. Era preciso que elas mantivessem uma aparência de sofisticação moderna e simultaneamente conservassem qualidades ditas femininas de recato e simplicidade. Nos aspectos observados até aqui, poderíamos pontuar que as narrativas da Fon-Fon sugerem certas ambivalências nos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, além de uma cisão na forma como as atuações de gênero foram representadas nesse contexto analisado.

Considerações Finais

Nossa intenção, ao analisar as publicações veiculadas na Revista Fon-Fon, foi a de compreender como a moda se configura na modernidade brasileira, mobilizando certas concepções de feminilidade e masculinidade. Considerar a moda enquanto *tecnologia de gênero* é perceber que ela é produto e processo dessa modernidade. Além disso, pensar *o gênero como categoria de análise histórica*, nos levou à importância de explorar os significados sociais e culturais atrelados ao que se entende por feminino e masculino, evidenciando as nuances que compõem as relações entre gênero e poder.

A partir desse percurso, nos propusemos a pensar como as representações e narrativas baseadas na diferença entre os gêneros são concebidas e circuladas no tecido social, por meio da moda. Mesmo que seja um ensaio inicial, que continua em elaboração nas pesquisas de cada autora, nosso intuito é pensar em formas de produzir conhecimentos por meio de uma perspectiva de gênero, que o considere como uma importante chave de leitura da organização social da sociedade.



Referências

BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Editora Senac, 2007.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

DA COSTA, Elisângela. **Estudo dos Constrangimentos Físicos e Mentais Sofridos pelos Motoristas de Ônibus Urbano da Cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Design), Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. - 2. ed. rev - São Paulo: Global, 2009.

LAURETIS, Teresa de. "A Tecnologia do Gênero." Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LINS, Vera. "Em revistas, o simbolismo e a virada de século". **Revista Senhor**: modernidade e cultura na imprensa brasileira – Rio de Janeiro : Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

MACENA, Fabiana Francisca. "Representações sobre o feminino e os movimentos transitórios da modernidade: o caso da revista Fon-Fon (1907 – 1914)". **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea**: quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

NAHES, Semiramis. 2007. **Revista Fon-Fon**: a imagem da mulher no Estado Novo (1937 – 1945). São Paulo: Arte & Ciência.

NEDELL, Jeffrey. **Belle Époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.





PRADO, Luís André do & BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências.** - 2. Ed. - Barueri, São Paulo: Disal, 2011.

RAGO, Margareth. “Modernizar para conservar: relações de gênero em São Paulo nas décadas iniciais do século vinte”. **Cadernos Pagu**, n.11, pp.419-427, 1998.

SCOTT, Joan. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. **The American Historical Review**, vol. 91, n. 5 (Dec., 1986), p. 1053-1075 , 1986.

SCOTT, Joan. “Gender: Still a Useful Category of Analysis?”. **Diogenes**, 225, pp. 7-14, 2010.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VELLOSO, Monica. “Fon-Fon! Em Paris: passaporte para o mundo”. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira** – Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

